

INTERNET E COMPUTADORES: UTILIZAÇÃO COTIDIANA DOS RECURSOS DA INFORMÁTICA POR FUTUROS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR

Ana Valéria de Figueiredo-da-Costa*
Ilda Maria Baldanza Nazareth Duarte**

Resumo

O presente artigo objetiva apresentar a investigação realizada com alunos da pós-graduação *lato sensu* em Docência Superior sobre os usos da internet e do computador no seu dia a dia. A diversidade do alunado (advogados, enfermeiros, professores, licenciados em informática, administradores e outros) proporciona um mosaico para a observação e análise dos usos cotidianos dos recursos da informática. O curso forma profissionais para o ingresso como professores no Ensino Superior. Dessa forma, qual a relação dos futuros professores com a internet e o computador? Eles têm a prática de sua utilização no seu cotidiano profissional? Quais as suas maiores dificuldades? Para analisar as respostas baseamo-nos no referencial da análise de conteúdo de Bardin (1977), além de autores que discutem a referida temática, tais como Ribas (2008), Valentini, Soares e Rela (2008), Pedrosa (2011), Rivoltella (2009), Mamede-Neves (2010), entre outros citados ao longo do estudo.

Palavras-chave: Internet. Docência Superior. Formação de Professores. Cotidiano.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos, as tecnologias têm presença marcante no cotidiano do ser humano. Do mais “simples” ao mais complexo, a história da humanidade está imbricada com os inventos e avanços tecnológicos. Quem apoia esse ponto de vista é Lion (2001, p. 31), ao afirmar que “a tecnologia faz parte do acervo cultural de um povo. Por isso existe como conhecimento acumulado e por essa mesma razão é contínua produção”. Assim, parecem ser inerentes à história as inovações tecnológicas e seus usos de acordo com os referenciais socioculturais nos quais estamos inseridos e dos quais somos produtores e consumidores.

Com o advento da informática carreando as tecnologias da informação e comunicação (TIC), os processos educacionais vêm se adaptando a essa nova realidade em rede, produzindo e consumindo aparatos tecnológicos como ferramentas que podem potencializar os desafios que se colocam, tanto para solicitar soluções quanto para buscar respostas.

* Doutora em Ciências Humanas/ Educação PUC-Rio; Professora Docente do Curso de pós-graduação *lato sensu* em Docência Superior e da graduação da Universidade Iguazu (RJ); Coordenadora de Pesquisa do Curso de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá (RJ); e-mail: anavaleria.figueiredo@yahoo.com.br

** Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade do Minho (Portugal); Coordenadora da pós-graduação *lato sensu* e Professora Titular da Universidade Iguazu (RJ); e-mail: ilda.duarte@globo.com

Partindo dessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a investigação realizada com alunos da pós-graduação *lato sensu* em Docência Superior, sobre os usos da internet e do computador no seu dia a dia, no âmbito profissional. O alunado do referido curso é formado por profissionais de diversas áreas, tais como advogados, enfermeiros, professores, licenciados em informática, administradores, entre outros.

Para Pedrosa (2011, p. 1-2),

uma pessoa já não mais se prepara para o exercício de uma profissão que o acompanhará em sua vida. Mesmo que não mude de atividade no decorrer de sua existência, fato hoje comum, necessita acompanhar as mudanças de sua própria profissão. **Os conhecimentos e habilidades empregados em um campo profissional já não são estáveis; em intervalos de tempo cada vez mais curtos, transformam-se ou, até mesmo, tornam-se obsoletos.** Além de novas formas de trabalho, as crescentes demandas resultantes dos avanços que a ciência introduz nas áreas técnicas e tecnológicas, nos sistemas de comunicação, de transporte, e mesmo nas formas de relação, organização, lazer, etc. requerem o acesso a novas habilidades para a adaptação e a assimilação destas mudanças. (grifos nossos)

Essa diversidade proporciona um mosaico bastante rico para a observação e análise dos usos cotidianos dos recursos da informática¹, visto que hoje a habilidade nesses recursos é exigida em praticamente todas as áreas do conhecimento e do mercado. Para Mamede-Neves (2010, p.2),

andando na contramão dessas modificações, embora as circunstâncias atuais estejam levando o mestre, de forma livre ou compulsória, à adaptação ao ciberespaço, ainda prevalece, para um significativo contingente de professores, a preparação de aulas ou de formulação de apostilas como se fora ainda a prevalência dos textos datilografados, agora digitalizados, mas nada mais.

O trabalho parte da seguinte premissa: o curso de Docência Superior forma profissionais para ingressar como professores no Ensino Superior. Dessa forma,

qual a relação dos futuros professores com a internet e o computador? Eles têm a prática de sua utilização no seu cotidiano profissional? Quais as suas maiores dificuldades? Até que ponto a utilização dos recursos da informática vem forjando uma nova cultura profissional? Para analisar as respostas a tais indagações baseamo-nos no referencial da análise de conteúdo tal qual preconizado por Bardin (1977), além de autores que discutem a referida temática, tais como Ribas (2008), Valentini, Soares e Rela (2008), Pedrosa (2011), Rivoltella (2009), Mamede-Neves (2010), entre outros.

Se é inevitável que hoje o professor do Ensino Superior faça uso dos recursos informáticos é também mister que se investigue como esses usos vêm impactando as relações sociais no seu cotidiano, inserindo uma nova maneira de ser e agir no mundo, em suas relações pessoais e profissionais. Neste estudo optamos por entender a informática e seus recursos como parte de uma Cultura da Informática, tal qual nos aponta Amarilla Filho (2008):

É que a informática mais do que receber a influência de um determinado grupo social ou influenciá-lo, **ela se torna uma cultura das tecnologias humanas moderna, isto é, como modo de expressão cultural, pois está inserida em todas as instâncias da ação humana: social, produtiva e política, além de poder ser considerada expressão cultural de certo núcleo humano.** Assim, quando falamos em cultura da informática procuramos explicitar um conceito que caracteriza uma determinada relação em nosso meio social, que se funda pela influência que recebem dela todas aquelas instâncias da ação humana. (grifos nossos)

2 A FORMAÇÃO PARA O ENSINO SUPERIOR: PROFISSÃO DOCENTE E NOVAS DEMANDAS

O curso de especialização *lato sensu* em Docência Superior tem como objetivo “possibilitar a graduados e licenciados a oportunidade de se atualizar em relação à prática docente, de modo que possa aplicar os novos

aprendizados de conteúdos, métodos e técnicas didáticas às especificidades da vida profissional”².

Dessa forma, o curso se insere na dimensão da formação continuada, pois visa a ampliar o lócus de atuação do profissional com formação inicial - graduados e licenciados, de maneira geral.

A profissão docente vem trilhando um longo caminho, adaptando-se – ou pelo menos, tentando adaptar-se -, às novas demandas sócio-político-culturais. Dentre essas mudanças está a entrada das novas tecnologias na escola, principalmente a informática.

A esse respeito, Valentini, Soares e Rela (2008, p. 197) apontam que

os espaços educativos e de aprendizagem estão cada vez mais permeados de recursos tecnológicos, chamando os sujeitos da aprendizagem (professores e estudantes) a se apropriarem desses recursos e construir novos contextos de interação.

Do professor de hoje não é esperado somente que domine o conteúdo da disciplina que ministra, mas também que domine minimamente competências relacionadas ao uso da informática no seu dia a dia. Tarefas que antes eram destinadas aos profissionais da secretaria escolar hoje são repassadas ao professor como, por exemplo, o lançamento e controle das notas de seus alunos; o diário escolar, documento de registro diário, ganha ares de novidade quando deve ser preenchido *on line*; a entrada e saída dos alunos também solicitam do professor um domínio dos equipamentos informáticos, posto que em algumas escolas esse controle é feito em sala, aula a aula³.

Confirmando esse ponto de vista, Ribas (2008, p. 2-3) ressalta que:

o novo profissional da educação universitária deve ser alguém criativo, competente e comprometido com o advento das novas tecnologias. Outrossim, o novo profissional precisa interagir em meio à sociedade do conhecimento; para tanto, é necessário tanto

repensar a educação quanto buscar os fundamentos para o uso dessas novas linguagens. Essas novas linguagens causam grande impacto na educação e determinam uma nova cultura na sociedade, novos valores e diferentes necessidades aos educadores, tanto no sistema presencial quanto à distância.

Diante desse quadro, o professor que não está familiarizado com esses recursos pode sentir-se desatualizado e com algumas dificuldades para conjugar as diversas tarefas que vêm lhe sendo impostas. Mamede-Neves (2010, p.5), em recente pesquisa *Mestres na Web*, relata que os professores entrevistados:

comentam ainda, que a falta de tempo em sala, o grande número de aulas seguidas, a necessidade de ter de trabalhar em mais de uma escola, entre outros fatores, os impedem de usar no espaço da sala ou em laboratórios de informática o material disponível na internet e que poderiam explorar com seus alunos. O resultado desse *status quo* é, assim, a permanência do predomínio da aula expositiva e do material impresso.

Assim, para além da necessidade que cada vez mais se agudiza, os professores ainda encontram obstáculos à franca utilização dos recursos da informática que podem ser utilizados nos processos educacionais. Mas por outro lado, parecem não ter muitas alternativas...

3 O CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA SUPERIOR COMO FORMAÇÃO CONTINUADA: O QUE DIZEM OS QUESTIONÁRIOS

A formação continuada tem sido bastante discutida atualmente nos processos de complementação da formação inicial e também, em alguns casos, como mudança nos rumos profissionais.

Ribas (2008, p. 2) aponta que:

a formação inicial de docentes requer um cuidado especial com a formação continuada deste

profissional, provocando um olhar crítico e criativo, considerando-se a atual situação das reformas educacionais implementadas em todos os níveis da educação brasileira. A formação continuada de docentes dá-se costumeiramente com o educador voltando à universidade para ampliar seus conhecimentos e seu desenvolvimento profissional, ou ainda através de participações deste educador em cursos, simpósios, congressos, programas de atualização, aperfeiçoamento e na pós-graduação *de latu sensu e strictu sensu* (itálicos no original).

É o caso do grupo aqui estudado, formado por profissionais de diversas áreas, que vem buscar na especialização uma ampliação da sua carreira como docente ou até mesmo uma mudança de rumos, buscando na docência superior uma nova forma de atuação profissional.

As autoras Valentini, Soares e Rela (2008, p. 197) contribuem para o debate dizendo que

este ser e estar no mundo hoje tem sido caracterizado por rápidas mudanças, haja visto (i) o crescimento exponencial dos saberes que, apenas nos últimos 50 anos, superou indiscutivelmente a quantidade de saberes produzidos no milênio precedente; (ii) uma capilar e maciça difusão dos meios de informação reduzindo o planeta à condição de *global village* e obrigando a uma reinterpretação dos conceitos de próximo e distante; e, ainda, (iii) o impacto das mensagens veiculadas pelos diferentes meios de comunicação, **impulsionando sujeitos de diferentes faixas etárias a buscar formação continuada** (grifos nossos).

Como as palavras acima destacadas, a formação continuada é também uma necessidade imposta pelos cânones de uma nova sociedade, com a busca de respostas às demandas que solicitam respostas e encaminhamentos dos profissionais de hoje em qualquer área de sua atuação.

Para implementar as considerações aqui apresentadas elaboramos um questionário que foi respondido pelos alunos da pós-graduação *lato sensu* em Docência Superior de uma universidade privada da Baixada Fluminense.

Nossa intenção era traçar um perfil dos respondentes sobre os usos e conhecimentos de informática e sua utilização no dia a dia, focalizando em âmbito profissional. Esse ponto é central no estudo, posto que os alunos, profissionais de diversas áreas, no curso de Docência Superior têm sua formação voltada para lecionar no ensino superior, com forte carga horária de disciplinas didático-pedagógicas no currículo.

Assim, ter acesso às respostas dos alunos nos permite traçar um perfil sobre o aluno profissional de várias áreas, mas com um objetivo em comum, qual seja, ser professor do ensino superior.

Foram respondidos 33 questionários em uma turma de 40 alunos; dos respondentes, 26 eram do sexo feminino e 07 do sexo masculino, com idades entre 24 e 56 anos, sendo a maior concentração na faixa de 30 a 50 anos, o que parece mostrar que ainda há investimento na carreira docente, tal qual nos afirma Huberman (1992).

A formação dos alunos tem o seguinte perfil: dos 33 respondentes, 15 são formados em licenciaturas (Pedagogia [9]; Letras [4]; Matemática [1]; Biologia [1]); os outros distribuem-se nas carreiras de Administração (3), Direito (2), Informática (1) e Estética (1).

Porém, a área de atuação muitas vezes não corresponde exatamente à formação acadêmica; sendo assim, dos 33 respondentes, 20 atuam como professores na Educação Básica e na Educação Superior; 2 na advocacia; os outros distribuem-se nas tarefas de gestão de recursos humanos, auxiliar de vendas, militar, esteticista e empresário.

Torna-se importante apresentar esses dados pois é justamente a diversidade da formação e atuação da turma que torna o estudo um mosaico de opções, mas que tem como substrato comum a busca por uma nova área de atuação ou a complementação da área de atuação imediata.

Ainda, uma das questões que unem os sujeitos da pesquisa é o fato de que, em se tratando do ensino

superior, as atividades que envolvem o uso da informática são amplas e, em alguns casos, por vontade própria ou por imposição, o professor desse nível de ensino terá de utilizar os recursos da informática em seu dia a dia.

Em relação à leitura e interpretação dos dados, nos apoiamos no referencial de análise de conteúdo com uma abordagem qualitativa. A análise de conteúdo, como expressa Bardin (1977), é uma metodologia pela qual são estabelecidas categorias que emergem da leitura e da recorrência das respostas. Para a autora, análise de conteúdo é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) **que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção [...] destas mensagens** (BARDIN, 1977, p. 42; grifos nossos).

Assim, conforme prescreve Bardin, com o material em mãos, criamos categorias a partir das respostas dos alunos.

Longo abaixo dos dados pessoais, o questionário colocava a seguinte pergunta: “responda com uma palavra: para você, informática é...”. Nossa intenção ao fazer a pergunta aberta era captar a primeira ideia que o respondente registrasse, como se tivesse em função de um *brainstorm*. Procuramos agrupar as respostas semelhantes, formando categorias qualitativas (Bardin, 1977)⁴ que foram sugeridas conforme as indicações nas falas escritas dos alunos, a saber: **a) Quanto a sua importância:** fundamental (3); importante (3); essencial (2); necessária (2); indispensável; tudo. **b) Quanto aos aspectos de uso:** informação (2); rapidez; praticidade. **c) Quanto às características próprias:** tecnologia (3); ferramenta (2). **d) Quanto aos aspectos temporais:** inovação (2); avanço; evolução; atualização; modernidade; futuro

Podemos observar que os respondentes apontam a informática em sua vida como aspecto importante,

ao ponto de um respondente ser definitivo e apontar que é “tudo”.

O fator da rapidez e praticidade, aliados à informação, se fazem presentes nas respostas, mostrando que, para alguns, essas características são o que configura, em um primeiro momento, a informática em seu dia a dia, para o uso pessoal e profissional.

Interessante observar que alguns respondentes apontam características mais concretas, tais como as citadas (tecnologia, ferramenta), trazendo uma dimensão operacional da informática.

Ainda, a ideia de um tempo futuro, um dever, está presente nos comentários dos respondentes da pesquisa quando citam palavras relacionadas a um potencial em um futuro vindouro. Valentini, Soares e Rela (2008, p. 197), baseadas na biologia do conhecer de Maturana enfatizam que

mudanças e transformações não são resultados de ações externas ao sujeito, mas da estrutura do organismo que seleciona o que é ou não relevante para ele, no sentido de ele se apropriar e se modificar, como resultado do acoplamento entre a estrutura e o que lhe é novo, externo. Organismo e meio não se separam, mas estão em constante interação. Assim, mudanças são resultados de histórias de condutas num espaço de convivência e de interações.

Dessa forma, não se mostra como um hábito adquirido o fato de o professor apontar a dimensão do futuro em relação à informática, mas o avanço se dará quando esse futuro for realizado no presente de suas práticas profissionais cotidianas, com a utilização consciente dos recursos a favor da aprendizagem e da construção coletiva do conhecimento.

Mamede-Neves (2010, p. 15) faz referência a dados empíricos que atestam que esse “futuro” já está presente:

um terceiro ponto muito interessante que emergiu dos dados da pesquisa é o de que, se anos atrás, pela ignorância no uso da tecnologia digital, havia, no

íntimo de muitos deles [professores respondentes da pesquisa], uma tensão entre curiosidade e indiferença pelo seu uso, **hoje a curiosidade e a forte expectativa permanecem em relação às TICs, mas agora calcadas nas evidências de conhecimento adquirido** e no valor agregado que esse conhecimento lhes deu.(grifos nossos)

A primeira pergunta do questionário era: “qual o contato que você teve com a informática em sua formação?”. Tínhamos a intenção de fazer um cruzamento entre a faixa de idade, a formação e o contato com a informática como disciplina. A maior parte dos respondentes (18) apontou que teve, em sua formação, uma disciplina em nível introdutório; outra parte dos 33 respondentes apontou que não teve nenhum contato, mas procurou especialização à parte (11); uma pequena parte relatou ter tido a disciplina informática em nível específico e profundo (2).

Levando-se em conta que a faixa etária da pesquisa tem concentração maior entre 30 e 40 anos, parece-nos que essa faixa corresponde ao que Prensky (2001) denomina de “migrantes digitais”, ou seja, aqueles nascidos antes do advento massivo da informática, mas que têm a urgência de aprender a lidar com ela nas tarefas e solicitações cotidianas da atualidade. Coadunando-se com os resultados do nosso estudo, Mamede-Neves (2010, p. 1) nos fala que

nossas lembranças trazem o uso do computador sendo visto, no início, como uma adiantada máquina de escrever, que admitia a correção imediata dos erros cometidos, sem ser preciso o uso da fita borracha das máquinas elétricas “avançadas”; que guardava o texto numa memória quase mágica; texto esse que podia ser modificado, que tinha a possibilidade de serem guardadas diferentes versões feitas, desde que salvássemos com outro nome o “arquivo” e, que maravilha, também podiam ser impressos, inicialmente somente em preto e branco, mas, logo, logo, a cores. Os que dominavam a linguagem do DOS eram olhados com reverência e aprendíamos com eles alguns comandos, aos poucos, incorporando um linguajar que misturava termos em inglês ou que eram aportuguesados: deletar, dar um boot, salvar, imprimir, etc. O

professor é exatamente essa pessoa que viveu nesse tempo e migrou para um outro espaço, que traz essas marcas. (grifos nossos)

A questão seguinte era: “quais as tecnologias da informação que você conhece?”. Foram listadas tecnologias mais antigas e mais recentes, tais como: TV, vídeo, retroprojeter, DVD, computador, datashow, celular e outros. Todos os respondentes apontaram conhecer todas as tecnologias e ferramentas, comprovando nossa observação anterior a respeito da faixa etária corresponder aos imigrantes digitais, ou seja, aqueles que têm conhecimento de tecnologias anteriores, mas que também não desconhecem tecnologias mais atuais.

A terceira questão era: “quais dessas tecnologias você mais utiliza no seu dia a dia?”. Nossa intenção ao fazer essa pergunta era mostrar que, mesmo que o respondente conhecesse a tecnologia, esse fato não é indicativo de que use esse aparato no seu cotidiano profissional e até mesmo pessoal. Em ordem de mais apontada pelo uso cotidiano, foram as seguintes tecnologias: computador (28); TV (26); celular (25); DVD (17); vídeo (13); datashow (11); retroprojeter (4).

Podemos observar pelos números que o computador já ocupa o cotidiano dos alunos da Docência Superior, pois de 33 respondentes, 28 disseram fazer uso dessa tecnologia/ ferramenta em seu dia a dia. Ainda, a TV e o celular têm centralidade na utilização cotidiana, parece-nos que de forma profissional e pessoal, pois foram bastante apontados no uso diário do grupo pesquisado. O DVD e o vídeo têm uso coerente com a TV, pois são mídias que dependem do suporte televisivo, mais em conta do que o datashow – ou projetor multimídia – um equipamento de valor mais elevado e de manuseio mais cuidadoso. O retroprojeter, apontado apenas por 4 respondentes, parece já ser tecnologia ultrapassada face aos novos equipamentos. Mais uma vez, o estudo aqui apresentado encontra-se em consonância com a pesquisa de Mamede-Neves (2010, p. 14):

o campeão de uso [entre os professores] é o filme apontado por 64,5% como atraente e de uso, seguido de sites da internet (58%) e CD-Rom (50%). Quanto aos filmes usados em sala de aula, sabemos que é uma prática já internalizada pelos professores, principalmente em disciplinas que têm a seu dispor um naipe grande de DVDs e também porque hoje a possibilidade da escola contar com DVD-player é muito comum.

Para Valentini, Soares e Rela (2008, p. 197),

os espaços educativos e de aprendizagem estão cada vez mais permeados de recursos tecnológicos, chamando os sujeitos da aprendizagem (professores e estudantes) a se apropriarem desses recursos e construir novos contextos de interação.

Dessa forma, o grande “pulo do gato” parece ser transformar o uso dessa tecnologia em aliado da aprendizagem, coisa a que o professor do Ensino Superior não pode se furtar.

Valentini, Soares e Rela (2008, p. 197) completam, alertando que

a formação de professores, portanto, tem o desafio de desenvolver saberes capazes de promover a construção de ambientes de aprendizagem que considerem o processo de aprender, apresentem arquiteturas pedagógicas inovadoras e utilizem adequadamente tecnologias da informação e comunicação (TICs) de forma a produzir impacto no fazer docente.

A próxima pergunta era: “quais destas ferramentas você conhece?”. A intenção era mapear os programas mais conhecidos entre os alunos da Docência Superior. Os mais conhecidos entre os alunos são os editores de textos (Microsoft Word, Open Office Writer, Abi Word), com 30 respondentes; também conhecidos, mas bem menos, são os editores de apresentação (Microsoft Power Point, Open Office Impress), com 18 respostas e os editores de planilhas (Microsoft Excel, Open Office Calc), com 15 respostas.

Podemos depreender das respostas que os editores de textos são os mais conhecidos e provavelmente os mais

utilizados pelos alunos da Docência em seu dia a dia; esse dado está frontalmente relacionado com aquele anterior, que aponta o computador como a tecnologia mais utilizada por eles, ressaltando então que os editores de textos estão presentes no cotidiano das variadas atuações profissionais. Relembramos ao leitor que o grupo de alunos pesquisados é formado por profissionais que atuam em diversas e variadas áreas: licenciaturas (Pedagogia [9]; Letras [4]; Matemática [1]; Biologia [1]); Administração (3), Direito (2), Informática (1), Estética (1).

Mais uma vez, Valentini, Soares e Rela (2008, p.198) têm centralidade na discussão quando apontam que:

com relação à inserção das TICs nos mais diferentes âmbitos de ensino, essa questão fica ainda mais complexa, pois não basta a mera inserção das tecnologias para que os contextos de aprendizagem se tornem inovadores, criativos e consigam dar conta das novas demandas do ensinar e aprender.

A quinta pergunta era: “Qual o seu nível de conhecimento nestas ferramentas?”. Apresentamos as respostas tabuladas no quadro a seguir:

Editores de texto	Editores de planilhas	Editores de apresentação
Básico	Básico	Básico
20	16	16
Intermediário	Intermediário	Intermediário
1	4	6
Avançado	Avançado	Avançado
8	3	3

Pelos números apresentados, podemos perceber que o grupo, de maneira geral, considerado como “imigrantes digitais”, tal como define Prensky (2001), encontra-se no nível básico de conhecimento desses editores, apontando, ao que parece, um nível instrumental de uso dessas ferramentas. Mas chamamos a atenção que haja um pequeno número de alunos

que consideram seus conhecimentos em nível avançado no uso dos editores de texto, o que pode demonstrar um maior domínio de uma ferramenta apontada na questão anterior, na qual esses editores foram os mais marcados pelo grupo de respondentes.

Na questão seguinte, “Na preparação de suas aulas, quais os recursos que você utiliza?”, mais uma vez os editores de texto apareceram como o recurso principal, com 29 escolhas, seguido dos editores de apresentação, com 19 escolhas e, por último, os editores de planilhas com apenas 7 respostas. Esses dados confirmam nossas observações anteriores de que os editores de texto são o recurso mais amplamente utilizado pelo grupo pesquisado em seu cotidiano.

Rivoltella (2011, p. 2) amplia esse olhar trazendo uma crítica: “hoje, o que existe é uma competência instrumental, o mínimo necessário para desenvolver um pensamento crítico sobre a internet, por exemplo”. Daí a necessidade que se impõe ao professor de ampliar seu leque de conhecimentos sobre os recursos que a informática oferece para que os utilize na implementação dos processos educacionais.

A sétima pergunta do questionário era: “Como você usa a internet para produção de suas aulas?” Dos 33 respondentes, 27 apontaram que utilizam a internet para pesquisas do aprimoramento do conteúdo; complementando, 11 a utilizam para pesquisa da bibliografia sugerida em cada matéria. Porém, ainda houve 2 respondentes que disseram não utilizar esse recurso na preparação de suas aulas, o que suscita o debate trazido por Valentini, Soares e Rela (2008, p. 198), citando Moraes (1997),

não é suficiente apenas preparar profissionais para uma nova ferramenta, mas sim para uma “nova cultura que integra um processo de comunicação, de interação e interdependência e que amplia a capacidade das pessoas de se conectarem com outras pessoas e, ao mesmo tempo, se constituírem e agirem como parte de um todo altamente habilitado e interdependente,

dominando a tecnologia, contribuindo para o desenvolvimento da ciência e se apropriando do conhecimento para o seu próprio benefício e de sua sociedade”. (grifos nossos)

Dessa forma, utilizar a internet e os recursos da tecnologia não é garantia de utilização desses mesmos recursos como ferramentas de aprendizagem e o professor do Ensino Superior, bem como o de outros níveis de ensino, devem ficar atentos a essas e outras possibilidades, sob o risco de tornarem suas práticas obsoleta e sem sentido.

Em relação à utilização dos recursos das novas tecnologias na educação, Ribas (2008, p. 3) diz que:

é necessário que o professor propicie aos seus alunos situações em que possam interagir, introduzindo novas informações e criando diversos tipos de situações problemáticas para que avancem no raciocínio e na compreensão as experiências obtidas na resolução dos problemas. Tal procedimento permite aos seus alunos que estabeleçam estratégias, ampliando horizontes e superando desafios atingindo novos conhecimentos e novas visões de realidades até então desconhecidas.

A última pergunta do questionário era: “Quais são suas maiores dificuldades em relação à informática?” Dos 33 respondentes, 28 disseram ter dificuldades com as diferenças entre as versões e na compreensão da linguagem de alguns programas. Ainda, 6 apontaram dificuldades para manusear os sistemas operacionais (Windows, Linux) e 6 também marcaram ter dificuldades no manuseio de hardware (conectar monitores, teclados etc).

Podemos observar, a partir das respostas, que é bastante premente no grupo a necessidade de uma melhor compreensão das regras de funcionamento dos sistemas, o que está coerente com as respostas anteriores, quando o grupo aponta uma marcada utilização de editores de textos e de apresentação em suas respostas.

Ribas (2008, p.6) nos chama a atenção sobre esse ponto ressaltando que

as habilidades e competências exigidas do profissional docente requerem uma sólida preparação acadêmica tanto na área específica do conhecimento quanto no campo da cognição das teorias de aprendizagem e **das novas linguagens como o uso dos novos recursos tecnológicos na educação** (grifos nossos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa, de abordagem qualitativa, não tinha a intenção de abranger um número amplo de pessoas, mas, ao contrário, buscar o perfil do grupo com o qual atuamos no sentido de proporcionar junto a eles reflexões sobre sua formação. Pautamo-nos sobre os princípios freireanos de que cada pessoa é sujeito de sua formação pessoal e profissional.

Dessa forma, pudemos perceber que os alunos, profissionais de várias áreas do conhecimento, têm um perfil bastante semelhante quanto à utilização das novas tecnologias da informática em seu dia a dia, utilizando-a como instrumento cotidiano de trabalho.

O fato de serem profissionais com formação diversa não traz muita diferença quanto ao uso da tecnologia, principalmente quando levamos em conta que esse grupo tem um substrato comum da formação, qual seja, todos almejam atuar como professores do Ensino Superior, e alguns já o fazem.

Na perspectiva da formação continuada, o grupo busca uma ampliação na sua atuação profissional, atendendo às prerrogativas das novas exigências do mundo atual, na denominada “sociedade do conhecimento” e observa-se que estão na transição de um modelo de uso para outro, muito mais dinâmico e que acaba por forçar o profissional ao uso das novas tecnologias.

A figura do “imigrante digital” fica clara quando analisamos as escolhas e respostas dadas às perguntas,

mostrando ainda uma utilização bastante instrumental das novas tecnologias e do uso do computador e dos recursos da informática de forma ainda incipiente, mas apontando a necessidade de ampliar essa utilização no âmbito profissional, posto que a ideia de futuro está presente em suas respostas.

Ainda pudemos constatar que o fato de conhecer as tecnologias não é diretamente proporcional a sua utilização ampla, visto que a totalidade dos respondentes diz conhecer as novas tecnologias, mas sua utilização se mostra bastante tímida, demonstrando fazer uso de recursos básicos dos vários tipos de ferramentas em seu cotidiano profissional.

Mais uma vez, concordamos com Valentini, Soares e Rela (2008, p. 198): “mudanças pedagógicas requerem ressignificações epistemológicas”. Dessa forma, ressaltamos que diante desse novo panorama não faz muito sentido o professor apenas utilizar os recursos das novas tecnologias como um referencial de transmissão do conhecimento; há mesmo a necessidade de uma nova postura frente aos novos recursos, postura de observar e utilizar esses recursos como ferramentas de aprendizagem e produção ativa de novos conhecimentos e reflexão para os antigos, que servem de base para uma mudança.

COMPUTERS AND INTERNET: DAILY USE OF COMPUTATIONAL RESOURCES FOR FUTURE TEACHERS OF HIGHER EDUCATION

Abstract

This article presents a research conducted with students of post-graduation course in Teaching, on the uses of the Internet and computers in their day to day. The diversity of the students (lawyers, nurses, teachers, computer science graduates, administrators, and others) provides a mosaic for the observation and analysis of daily

use of computational resources. The course trains professionals to join as teachers in higher education. Thus, what is the future teachers with the Internet and your computer? They have the practice of its use in your everyday life? What are their challenges? To analyze the responses we rely on the framework of content analysis of Bardin (1977), and authors who discuss such themes, as Ribas (2008), Valentini, Soares and Rela (2008), Pedrosa (2011), Rivoltella (2009), Mamede-Neves (2010), among others.

Keywords: Internet. University Teaching. Teacher Education. Daily.

NOTAS

- ¹ No escopo deste artigo, utilizamos o conceito de informática tal qual nos indica Amarilla Filho (2008): “a informática como ferramenta pedagógica na aplicação de conteúdos”. Dessa forma, utilizamos as expressões ferramentas e recursos da informática como parte do que o autor denomina de “Cultura da Informática”.
- ² Disponível em <http://www.unig.br/prope/lato_sensu1/docencia_es.php>. Acesso 3 abril 2011.
- ³ Com a utilização da informática nas instituições escolares, tanto na educação Básica quanto na Educação Superior, a profissão docente vem sofrendo uma sobrecarga de tarefas, que requerem discussão mais aprofundada do assunto. Contudo, nesse momento não é o foco deste estudo.
- ⁴ Bardin (1977) nos ensina que o estabelecimento de categorias, na pesquisa qualitativa, emana da empiria, com o risco do pesquisador, fixando as categorias a priori, correr o sério risco de engessamento e enviesamento de seus resultados.

REFERÊNCIAS

- AMARILLA FILHO, P. Educação e a cultura da informática. *Revista Eletrônica de Educação*, São Paulo, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.entretextos.jor.br/page_txt.asp?smn=2&txt=67&sbmn=4>. Acesso em: 15 jul. 2011.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. Constituição (1934). *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro, DF, 16 jul. 1934. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 8 dez. 2011.
- _____. Constituição (1946). *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro, DF, 18 set. 1946. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm>. Acesso em: 8 dez. 2011.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. *Vidas de professores*. Porto, Portugal: Porto, 1992. p. 31-61.
- MAMEDE-NEVES, M. A. C. *Mestres na Web*. Representação e significação da Internet por professores de Ensino Médio. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. Projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq. [mimeo].
- PEDROSA, S. M. P. de A. Formação de professores e tecnologia: sim ou não? Disponível em <<http://jovensemrede.files.wordpress.com/2010/04/stella-pedrosa-formacao-de-professores-e-tecnologia-sim-ou-nao.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2011.
- PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*. MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2011.
- RIBAS, D. A docência no ensino superior e as novas tecnologias. *Revista Eletrônica Lato Sensu*, ano 3, n. 1, p. 1-16, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.unicentro.br - Ciências Humanas>>. Acesso em: 30 mar. 2011.
- RIVOLTELLA, P. C. Mídia-educação e pesquisa educativa. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 119-140, jan./jun. 2009. Disponível em <<http://www.perspectiva.ufsc.br>>. Acesso em: 10 abr. 2011.
- _____. *Pier Cesare Rivoltella: “Falta cultura digital na sala de aula”*. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/pier-cesare-rivoltella-falta-cultura-digital-sala-aula-609981.shtml>>. Acesso em: 15 jul. 2011.
- VALENTINI, C. B.; SOARES, E. S.; RELA, E. Formação de professores do ensino superior: o desafio de repensar o fazer pedagógico no contexto das tecnologias e da modalidade semipresencial. *Educação Unisinos*, v. 12, n. 3, p.196-204, set. /dez. 2008. Disponível em: <http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_educacao/vol12n3/196a204_art05_valentini%20et%20al.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2011.

Enviado em 30 de abril de 2011
Aprovado em 20 de junho de 2011